

MICHEL BUSSI

Mais de 800 mil livros vendidos



O VOO DA LIBÉLULA

Duas bebês, um trágico acidente de avião,
só uma sobrevive. Qual delas?





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Malou, pequena libélula
nascida junto com esta história

23 DE DEZEMBRO DE 1980, 0H33

O Airbus 5403 que fazia a rota Istambul-Paris perdeu altitude. Mergulhou quase mil metros em menos de dez segundos, praticamente na vertical, antes de voltar a se estabilizar. A maioria dos passageiros dormia. Acordaram todos sobressaltados, com a aterrorizante sensação de terem cochilado no carrinho de uma montanha-russa.

O que interrompeu na hora o sono leve de Izel não foram os sobressaltos do avião, mas os gritos. Nos quase três anos desde que havia começado a percorrer o mundo trabalhando para a Turkish Airlines, já estava acostumada com tempestades e bolsões de ar. Era hora do seu intervalo. Fazia menos de vinte minutos que estava dormindo. Mal abriu os olhos, viu a colega de turno, Meliha, uma senhora, inclinar na sua direção o decote apertado.

– Izel? Izel! Acorda! A situação está complicada. Parece que tem um temporal lá fora. Visibilidade zero, segundo o comandante. Cuida do seu corredor?

Izel exibiu uma expressão cansada de aeromoça experiente, que não entra em pânico por tão pouco. Levantando-se do assento, ajeitou o uniforme, puxou a saia um pouco mais para baixo, e admirou por um segundo o reflexo de seu belo corpo no monitor desligado à sua frente antes de partir em direção ao corredor da direita.

Apesar de já não gritarem, os passageiros acordados tinham os olhos arregalados, mais de surpresa do que de preocupação. O avião seguia instável. Izel começou a se inclinar calmamente junto a cada um.

– Está tudo bem. Não tem problema algum. Só estamos atravessando uma nevasca acima da cordilheira do Jura. Daqui a menos de uma hora estaremos em Paris.

Seu sorriso não era forçado. Na sua cabeça, já estava em Paris. Passaria três dias na cidade, até o Natal. Estava animada feito uma criança diante da perspectiva de bancar a istambulense liberada na capital francesa.

Concentrou-se em tranquilizar sucessivamente um menino de 10 anos

agarrado à mão da avó; um jovem executivo de camisa amarrotada com que teria gostado de esbarrar no dia seguinte, passeando pelos Champs-Élysées; uma turca cujo véu, decerto mal posicionado devido ao despertar brusco, lhe tapava metade dos olhos; e um velho todo encolhido, com as mãos unidas entre os joelhos, que a fitou com um olhar de súplica.

– Está tudo bem. Garanto ao senhor.

Izel avançava com calma pelo corredor quando o Airbus se inclinou novamente para um dos lados. Ouviram-se alguns gritos. Um rapaz sentado à sua direita, segurando um walkman com as duas mãos, perguntou bem alto, em tom de ironia fingida:

– E o looping, quando é?

Foi respondido por risadas tímidas, logo seguidas pelo choro de um bebê. A criança estava deitada em um moisés bem na frente de Izel. A apenas alguns metros. A aeromoça pousou os olhos na menina de poucos meses, usando um vestido branco estampado com florezinhas cor de laranja por baixo de um suéter de lã creme em ponto corrente.

– Minha senhora, não – interveio ela. – Não!

Sentada bem ao lado da menina, a mãe estava soltando o cinto de segurança para se curvar na direção da filha.

– Não – insistiu Izel. – É preciso ficar com o cinto afivelado. É obrigatório. É...

A mãe nem sequer se deu ao trabalho de se virar, quanto mais de responder à aeromoça. Seus longos cabelos soltos caíram dentro do moisés. A neném gritou mais alto ainda.

Sem saber ao certo o que fazer, Izel se aproximou.

O avião tornou a perder altitude. Três segundos, mais mil metros talvez.

Gritos breves soaram, mas a maioria dos passageiros permaneceu calada. Sabiam que o movimento do avião não estava mais sendo provocado apenas por uma simples ventania de inverno. Com o tranco, Izel caiu de lado, pressionando com o cotovelo o walkman contra o peito do rapaz à sua direita e o deixando sem ar. Sem tempo para pedir desculpas, levantou-se. Logo à sua frente, a neném de três meses continuava a chorar. A mãe tornou a se curvar na direção da filha e começou a soltar o cinto de segurança da menina...

– Não, minha senhora! Não...

Izel resmungou um palavrão. Com um gesto automático, puxou a saia

que havia se levantado acima da meia-calça, agora com um fio puxado. Que situação! Seus três dias e duas noites de prazer em Paris seriam bem merecidos!

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa.

Por um breve instante, em algum lugar da aeronave um pouco mais adiante à sua esquerda, Izel pensou ter ouvido outro choro de bebê, como um eco. A mão nervosa do rapaz do walkman roçou o náilon cinza que cobria as coxas da aeromoça. O velho turco havia passado um braço em volta dos ombros da mulher de véu e tinha a outra mão erguida para Izel, em súplica. Logo à sua frente, em pé, a mãe estendia os braços para envolver a filha, agora liberta do cinto do moisés.

Foram as últimas imagens antes da colisão, antes de o Airbus se chocar contra a montanha.

O choque projetou Izel 10 metros adiante, contra a saída de emergência. Suas lindas pernas cobertas pela meia cinza se torceram como os membros de uma boneca de plástico nas mãos de uma menina sádica; o busto magro foi esmagado contra a fuselagem; a têmpora esquerda explodiu na quina da porta.

Izel morreu na hora. Nisso teve mais sorte do que os outros.

Não viu as luzes se apagarem. Não viu o avião ser esmagado feito uma relés lata de refrigerante ao se chocar contra uma floresta de árvores que, uma a uma, pareciam se sacrificar para diminuir a velocidade insana do Airbus.

Quando tudo parou, enfim, ela não sentiu o cheiro de querosene se espalhar. Não sentiu dor alguma quando a explosão estraçalhou seu corpo, assim como os dos 23 passageiros mais próximos.

Nem gritou quando as chamas invadiram a cabine, encurralando lá dentro os 145 sobreviventes.

DEZOITO
ANOS
DEPOIS

29 DE SETEMBRO DE 1998, 23H40

Agora vocês sabem tudo.

Crédule Grand-Duc suspendeu a caneta e deixou o olhar se perder à sua frente, nas águas claras do imenso viveiro. Por alguns instantes, seus olhos acompanharam o voo desesperado da libélula-arlequim que havia lhe custado quase 2.500 francos menos de três semanas antes. Uma espécie rara, entre as maiores do mundo, réplica fiel de sua ancestral pré-histórica. O inseto comprido voava de um vidro a outro em meio a um frenético enxame de várias dezenas de outras libélulas. Todas presas. Encurraladas.

Todas sentiam estar morrendo.

A caneta tornou a tocar o papel. A mão de Crédule se agitou, nervosa.

Registrei neste caderno todos os indícios, todas as pistas, todas as hipóteses. Dezoito anos de investigação. Tudo anotado nestas cem páginas. Se vocês as tiverem lido com atenção, agora sabem tanto quanto eu. Talvez sejam mais perspicazes. Talvez sigam um caminho que negligenciei. Talvez encontrem a chave, se é que ela existe. Talvez...

Por que não?

Para mim, está acabado.

A caneta se ergueu e estremeceu alguns milímetros acima do papel. Os olhos azuis de Crédule Grand-Duc tornaram a se perder no vidro liso do viveiro, depois se deslocaram em direção à lareira, onde labaredas compridas devoravam um emaranhado de jornais, papéis e caixas-arquivo de papelão, antes de pousarem novamente no caderno. A caneta deslizou.

Dizer que não tenho arrependimentos nem remorsos seria um exagero, mas fiz o melhor que pude.

Crédule Grand-Duc passou vários segundos encarando essa última linha, em seguida fechou devagar o caderno verde-claro.

Fiz o melhor que pude, repetiu para si mesmo, enfim satisfeito com sua conclusão.

Guardou a caneta dentro de um pote à sua frente e pegou no lado direito da escrivaninha um *post-it* amarelo, que colou na capa do caderno. Esticou a mão outra vez em direção ao porta-lápis, pegou um marca-texto e escreveu no pedacinho de papel com uma caligrafia graúda: *Para Lylie*. Empurrou o caderno para junto da borda da escrivaninha e se levantou.

Seu olhar se demorou alguns instantes sobre a mesa: em cima dela reluzia uma plaquinha de cobre. Com ironia, leu os dizeres: *Crédule Grand-Duc, detetive particular*. Abriu um sorriso desencantado. Havia muito tempo que todo mundo só o chamava de Grand-Duc, e ninguém mais usava aquele nome de batismo ridículo. Ninguém, exceto talvez Émilie e Marc Vitral. E, mesmo assim, isso foi antes, quando todos eram mais jovens. Já fazia uma eternidade.

Andou até a cozinha. Deu uma última olhada na direção da pia de inox cinza, do piso de lajotas brancas octogonais, dos armários de madeira clara. Todos os elementos estavam em perfeita ordem, lustrados e arrumados; qualquer vestígio de uma vida anterior tinha sido meticulosamente removido, como uma casa alugada que é preciso devolver ao dono. Grand-Duc era minucioso até o fim, até o último suspiro. Sabia disso. O fato explicava muita coisa. Na verdade, explicava tudo.

Virou-se e andou em direção à lareira até quase sentir o calor lambe as mãos. Curvou-se e jogou duas caixas-arquivo dentro do fogo. Recuou para escapar do jorro de centelhas.

Um beco sem saída...

Havia dedicado milhares de horas a investigar cada mínimo detalhe daquele caso... Todos os indícios, as anotações e pesquisas agora estavam virando fumaça. Os rastros do caso desapareceriam em poucas horas.

Dezoito anos de investigação para nada.

Quanta ironia...

Toda a sua vida resumida àquele auto de fé do qual ele era a única testemunha.

Dali a onze minutos, Lylie faria 18 anos, pelo menos oficialmente... Quem era ela? Grand-Duc ainda não tinha certeza alguma em relação a isso. Assim como no primeiro dia, havia cinquenta por cento de chance. Cara ou coroa.

Lyse-Rose ou Émilie?

Ele havia fracassado. Mathilde de Carville havia desperdiçado uma fortuna, dezoito anos de salário, a troco de nada...

Andou até a escrivania e se serviu mais uma dose de vinho amarelo. Quinze anos de idade, a reserva especial de Monique Genevez, no final das contas talvez a única boa lembrança daquela investigação. Sorriu ao levar o copo à boca. Não tinha nada do clichê do velho detetive alcoólatra; pelo contrário, era mais do tipo a visitar a adega com parcimônia, só em ocasiões importantes. Aquela noite era uma dessas ocasiões: o aniversário de Lylie. E seus últimos minutos de vida.

O detetive bebeu o copo num gole só.

Aquela era realmente uma das raras sensações que lhe deixariam saudade, o gosto inimitável do vinho amarelo atravessando seu corpo, a queimação de uma dor deliciosa que o fazia esquecer, enquanto durasse o efeito, aquela obsessão, aquele enigma sem resposta ao qual tinha dedicado a vida.

Pousou o copo sobre a escrivania e mudou o caderno verde-claro de lugar, hesitando em abri-lo uma última vez. Observou o *post-it* amarelo: *Para Lylie*.

Sobraria aquele caderno, aquelas cem páginas redigidas ao longo dos últimos dias. Para Lylie, para Marc, para Mathilde de Carville, para Nicole Vitral, para a polícia, para os advogados, para quem quisesse mergulhar naquele abismo...

Uma leitura fascinante, sem dúvida. Uma verdadeira obra-prima, uma investigação policial de tirar o fôlego... Estava tudo ali.

Menos o fim.

Era como se houvesse escrito um livro policial e arrancado a última página, um thriller cujas cinco últimas linhas tivessem sido apagadas.

Um embuste...

Decerto os futuros leitores se julgariam mais espertos do que ele, insistiriam... pensariam ser capazes de encontrar a solução.

Afinal de contas, ele também pensara assim. Sempre tivera uma espécie de certeza de que havia uma prova, de que era possível solucionar a equação, de que deixara passar alguma coisa. Uma impressão, nada além de uma impressão, mas tão tenaz... Essa segurança lhe dera forças para aguentar até aquele dia, quando Lylie faria 18 anos, dali a dez minutos. Talvez essa ilusão fosse apenas fruto de seu inconsciente, para impedi-lo de mergulhar no desespero total; teria sido muito cruel passar todos aqueles anos buscando a chave de um problema sem solução.

Fiz o melhor que pude, releu o detetive. O resto agora não lhe dizia mais respeito.

Deu uma última olhada no recinto. Conteve-se para não guardar a garrafa vazia e o copo usado, e novamente sorriu para si mesmo. Os policiais e os legistas que examinassem seu corpo dali a algumas horas não iriam se preocupar com um copo sujo. Seu sangue e seus miolos iriam se espalhar em uma poça grudenta sobre o tampo de mogno e o piso de tábua corrida encerado. Iriam emporcalhar tudo. Se o seu sumiço demorasse a ser notado, alternativa mais provável (quem, afinal, iria sentir sua falta?), seria o fedor do cadáver que chamaria a atenção dos vizinhos, um defunto em decomposição coberto com os excrementos dos insetos necrófagos que já teriam começado a se banquetear.

Mais motivo ainda, pensou Grand-Duc.

Abaixando-se, jogou na lareira um pedacinho de papelão que havia escapado das chamas.

Sua última nobreza.

Bem devagar, caminhou até a escrivaninha de mogno situada no canto da sala oposto à lareira. Abriu a gaveta do meio e tirou do estojo de couro um revólver Mateba praticamente novo, cujo metal cinza brilhou à luz do fogo. Enfiou a mão mais fundo na gaveta e pegou três balas. Calibre 38 milímetros.

Grand-Duc sorriu. Com um gesto experiente, puxou o tambor para trás e inseriu-as com delicadeza em seus orifícios.

Uma só bastava, ainda que ele estivesse razoavelmente embriagado, ainda que fosse com certeza tremer, hesitar. Mas sem dúvida alguma conseguiria encostar o cano na têmpora, segurá-lo com firmeza e apertar o gatilho.

Seria impossível errar, mesmo com 620 mililitros de vinho no sangue.

Pousou o revólver sobre a escrivaninha, abriu a gaveta da esquerda e pegou um jornal, uma edição muito antiga e amarelada do *L'Est Républicain*.

Fazia muitos meses que vinha bolando aquela macabra encenação, aquele ritual simbólico que o ajudaria a acabar com tudo, a alçar voo para fora do labirinto de uma vez por todas.

23H54

Algumas últimas folhas se contorciam dentro da lareira, devoradas pelas chamas. O olhar do detetive se dirigiu para o viveiro e o zumbido fúnebre das libélulas. A energia elétrica havia sido desligada meia hora antes. Privados de oxigênio, elas não sobreviveriam uma semana. No entanto, ele havia gastado uma fortuna para comprar as espécies mais raras, as mais antigas; ao longo de muitos anos, passara horas a fio cuidando daquele viveiro, fazendo questão de alimentar as libélulas com todo tipo de inseto minúsculo, de fortalecê-las, reproduzi-las, chegando até a deixá-las sob os cuidados de uma empresa especializada quando se ausentava em alguma missão.

Todo aquele esforço para deixá-las morrer. Elas também...

No final das contas, pensou, é agradável decidir assim a vida e a morte alheias, proteger para depois condenar, dar esperanças para depois sacrificar. Brincar com o destino como um deus astuto e imprevisível... Afinal, ele também tinha sido vítima de um deus sádico.

Crédule Grand-Duc se sentou na cadeira atrás da escrivaninha e, sem conseguir se conter, empurrou outra vez o caderno verde-claro mais para perto da borda, como se temesse que as gotas de sangue o sujassem.

Desdobrou o *L'Est Républicain* na mesa bem na sua frente. Era a edição do dia 23 de dezembro de 1980. Releu a manchete do jornal: *A milagrosa sobrevivente do Mont Terrible*.

A notícia ocupava toda a primeira página. Logo abaixo, uma foto um tanto embaçada revelava o contorno da carcaça de um avião acidentado, árvores arrancadas pela raiz e neve encardida com as pegadas dos socorristas. Algumas linhas de texto abaixo da imagem explicavam a tragédia:

Acidente dramático do Airbus 5403 Istambul-Paris na encosta do Mont Terrible, fronteira entre a França e a Suíça, na noite de 22 para 23 de

dezembro de 1980. Dos 169 passageiros e tripulantes, 168 morreram na hora ou vítimas do incêndio que consumiu a aeronave. A única e milagrosa sobrevivente foi uma neném de três meses ejetada no momento do impacto, antes que a fuselagem pegasse fogo.

Grand-Duc ergueu os olhos. Morreria um pouco curvado para a frente, com um tiro na própria cabeça. Cairia em cima daquela manchete. Seu sangue iria colorir a foto do drama de dezoito anos atrás e se misturar ao das 168 vítimas. E assim ele seria encontrado dali a alguns dias, dali a algumas semanas. Ninguém choraria a sua morte. Sobretudo não a família Carville. Os Vitral talvez tivessem um pouco de pena... Émilie, Marc, Nicole principalmente.

Era o cúmulo, a ironia suprema.

Iriam encontrá-lo e entregar aquele caderno a Lylie, o livro de sua breve vida. Seu testamento.

Grand-Duc fitou pela última vez o próprio reflexo na plaquinha de cobre; sentiu-se quase orgulhoso. Pensando bem, aquele era um belo fim, muito melhor do que o resto.

O mínimo que se podia dizer era que tivera sua chance: dezoito anos de investigação...

23H57

Estava na hora.

Ele posicionou com delicadeza o *L'Est Républicain* bem na sua frente, avançou a cadeira e empunhou com firmeza a coronha do revólver com a mão suada.

Ergueu o braço devagar.

O contato do metal frio contra a têmpora lhe causou um calafrio involuntário. Mas ele estava pronto. O álcool iria ajudá-lo.

Tentou esvaziar a mente e não pensar naquela bala a poucos centímetros de seu cérebro, que iria lhe atravessar o crânio...

Tentou não pensar em mais nada, concentrar-se no vazio.

Seu indicador se curvou junto ao gatilho. Bastava apertá-lo e tudo estaria acabado.

De olhos fechados ou abertos?

Uma gota de suor escorreu por sua testa e molhou o jornal.

De olhos abertos. Precisava acabar logo com aquilo.

Curvou o corpo e encarou a matéria 20 centímetros à sua frente. Olhou uma última vez para a foto da fuselagem carbonizada, para a do bombeiro em frente ao hospital de Montbéliard segurando delicadamente um corpinho um pouco azul demais. A milagrosa sobrevivente.

Seu indicador se fez mais firme no gatilho.

23H58

Os olhos do detetive desceram mais um pouco, agora vazios, e se perderam na tinta negra da primeira página do velho jornal. A bala iria perfurar sua têmpora sem qualquer resistência. Só lhe restava dobrar o dedo um pouco mais, alguns milímetros. Seu olhar se fixou para todo o sempre; a tinta ficou mais nítida, como a lente de uma câmera que se ajusta, como uma derradeira janela para o mundo antes de tudo mergulhar na névoa.

O dedo indicador. O gatilho.

Os olhos bem abertos.

O impensável atingiu Grand-Duc como se uma descarga elétrica intensa e repentina houvesse varado seu corpo.

O que seus olhos estavam vendo era impossível. Ele sabia que era!

O dedo relaxou ligeiramente a pressão.

No início, pensou que fosse uma ilusão, uma alucinação provocada pela iminência da morte, um mecanismo de defesa inventado por seu cérebro.

Não!

O que estava vendo, o que estava lendo naquele jornal era muito real. Amarelado pelos anos, um pouco desbotado, mas ainda assim não dava para ter qualquer dúvida.

Estava tudo ali.

O detetive começou a raciocinar; ao longo dos anos, havia criado muitas hipóteses, centenas delas, mas agora tinha o ponto de partida, e bastava puxar o fio para tudo se desenrolar com uma simplicidade desconcertante.

Era tudo claro, evidente...

Baixou o revólver e, sem querer, deixou escapar uma risada ensandecida.

Olhou para o relógio de parede.

23H59

Ainda não conseguia acreditar no que estava vendo. Suas mãos tremiam. Um forte calafrio o percorreu, da nuca à base das costas.

Tinha conseguido!

A solução estava ali, desde o princípio, naquele jornal, na primeira página, depois da chamada principal. À espera, sem pressa: era impossível encontrá-la na época, dezoito anos antes. Todo mundo tinha lido aquele jornal, todo mundo o tinha esmiuçado e analisado mil vezes, mas ninguém poderia ter adivinhado, nem em 1980 nem durante todos os anos que haviam se seguido.

A solução saltava aos olhos... com uma condição.

Uma única condição, totalmente absurda.

Abrir aquele jornal dezoito anos depois!

2 DE OUTUBRO DE 1998, 8H27

Aqueles dois eram namorados ou irmãos?
Havia quase um mês que a dúvida irritava Mariam, a dona do bar Lénine, situado na esquina da Avenue de Stalingrad com a Rue de la Liberté, a alguns metros do campus da universidade de Paris VIII, Vincennes-Saint-Denis. Como era bem cedo, o local estava praticamente vazio e ela aproveitava para arrumar com esmero as mesas e cadeiras.

O casal em questão estava sentado no mesmo lugar de sempre, no fundo, junto à janela, diante de uma minúscula mesa de dois lugares. De mãos dadas, encaravam os olhos azuis um do outro.

Namorados?

Amigos?

Irmãos?

Mariam deu um suspiro. Aquela incerteza a incomodava. Em geral, seu juízo sobre as histórias de amor dos universitários era bastante exata. Ela se apressou, pois ainda precisava passar uma esponja nas mesas e quem sabe dar uma varrida no bar; dali a alguns minutos, a última estação da linha 13 do metrô, Saint-Denis – Université, iria despejar os milhares de estudantes apressados, estressados, assoberbados desde cedo. Fazia só quatro meses que ela abrira, mas a sua inauguração já havia modificado o bairro. A faculdade de Saint-Denis estava agora diretamente ligada ao coração de Paris.

Mariam dispôs as cadeiras em volta das mesas sem parcimônia, consciente de que, dentre os alunos dedicados e ansiosos, uma proporção não desprezível daria uma passada mais ou menos longa no Lénine para tomar um café, fumar um último cigarro com calma e adiar o instante de se trancafiar numa sala de conferência, de chegar atrasado à faculdade... ou acabar decidindo matar aula. Mariam conhecia bem o rush das 8h45. Tinha testemunhado a lenta transformação da rebelde universidade de Paris VIII, a grande academia das Ciências Humanas, da Cultura, em uma bem-comportada e banal universidade de subúrbio. Agora, a maioria dos pro-

fessores ficava chateada quando era obrigada a lecionar ali; todos queriam ir para a Sorbonne ou, no pior dos casos, para Jussieu. Antes da abertura da estação, tinham de atravessar a Plaine Saint-Denis e desbravar um pouco a área barra-pesada à sua volta. Agora, isso também fazia parte do passado. Os docentes só precisavam se enfiar na linha 13 do metrô para chegar às mecas da cultura parisiense: bibliotecas, laboratórios, ministérios, instituições de prestígio.

Mariam se virou em direção ao balcão para pegar uma esponja e deu uma discreta olhada de esguelha para o casal que ainda a intrigava, aquela loura bonita e aquele rapaz alto completamente fascinado por ela.

Eles estavam lhe dando nos nervos. Aquele enigma a assombrava.

Quem eram?

Mariam jamais tinha entendido o funcionamento do ensino superior, as provas semestrais, as disciplinas, as greves, mas ninguém vigiava o recreio melhor do que ela. Apesar de nunca ter lido Robert Castel, Gilles Deleuze, Michel Foucault nem Jacques Lacan, os famosos professores de Paris VIII – no máximo, cruzara com eles uma ou duas vezes em seu bar ou na esplanada –, ainda assim, considerava-se uma especialista na psicanálise, sociologia e filosofia das tristezas e dos amores estudantis. Bancava a mãe coruja com os clientes assíduos do café e cuidava do seu lado sentimental com uma competência inteiramente profissional.

Mais uma vez, virou a cabeça na direção do casal junto à janela. Apesar de toda a sua experiência e intuição, a relação entre aqueles dois não fazia sentido para ela.

Émilie e Marc.

Essa incerteza a deixava muitíssimo irritada.

Seriam dois tímidos namorados ou um casal de irmãos?

Mistério. Mariam não conseguia chegar a uma conclusão clara. Algo não fazia sentido. Eles eram ao mesmo tempo muito parecidos e extremamente diferentes. Mariam sabia os nomes; decorava o de todos os frequentadores assíduos.

Marc estudava em Paris VIII havia dois anos e era cliente fiel do Lénine. Alto, bastante atraente, mas com uma aparência um tiquinho educada demais, tipo “Pequeno Príncipe” descabelado, algo sonhador, com um quê de falta de classe: o perfil do estudante que ainda não conhece os códigos, que acabou de chegar, com um certo viés provinciano, além da falta de dinheiro

para comprar um guarda-roupa moderno e na moda. Do ponto de vista dos estudos, Marc não parecia ser muito aguerrido. Até onde ela pudera depreender, estudava direito europeu sem muito afinco. Durante aqueles dois anos, mostrara-se calmo e contemplativo. Mariam tinha entendido por quê.

Ele estava esperando. Esperando sua Émilie.

Ela chegara naquele ano, em setembro. Portanto, devia ser dois ou três anos mais nova do que ele.

Sim, os dois tinham traços em comum. O sotaque meio popular cuja procedência Mariam não conseguia definir, mas que era incontestavelmente o mesmo de Marc, apesar de se encaixar mal com ela, com sua personalidade. Assim como aquele nome banal, corriqueiro: *Émilie*... Era loura como Marc, tinha olhos azuis como Marc. Os dois eram mais ou menos parecidos. No entanto, ao passo que os gestos dele eram desajeitados e simples, um pouco forçados, ela exibía um sabe-se lá o quê de diferente no modo de se mover, uma espécie de nobreza no porte, uma elegância refinada nos mais ínfimos movimentos, uma graça que parecia prover de uma linhagem rara, de uma educação privilegiada. Talvez aquela fosse uma aura frequente em outras universidades, no seio das grandes famílias, das grandes instituições e das escolas de prestígio, mas ali, entre os estudantes da Plaine Saint-Denis, parecia quase incongruente.

Outro mistério: do ponto de vista financeiro, o nível de vida de Émilie parecia oposto ao de Marc. Mariam sabia avaliar à primeira vista a origem, a qualidade e o preço das roupas usadas pelos seus clientes, de H&M a Zara, passando por Jennyfer ou Yves Saint-Laurent.

Émilie não vestia Yves Saint-Laurent... mas quase. O que estava usando naquele dia – blusa de seda laranja e saia preta de corte assimétrico – havia custado sem dúvida uma pequena fortuna. Não, ainda que viessem do mesmo lugar, Émilie e Marc não pertenciam ao mesmo mundo.

Ainda assim, eram inseparáveis.

Havia entre eles uma cumplicidade impossível de se inventar, que não podia ser fabricada em alguns meses de convívio na faculdade; era como se os dois tivessem vivido juntos sempre. Dava para perceber isso nas mil pequenas gentilezas protetoras do rapaz com a moça, discretas, sistemáticas: a mão sobre o ombro, uma cadeira puxada, uma porta segurada, o copo sempre cheio.

Mariam sabia interpretar esses gestos: eram o comportamento de um irmão mais velho com a irmã menor.

Sem parar de pensar no casal, ela limpou uma cadeira e recolocou o móvel no chão com um gesto enérgico.

Émilie havia chegado a Paris VIII em setembro, como se Marc tivesse lhe preparado o terreno e passado dois anos guardando para ela um lugar na sala de conferências e a mesa junto à janela no Lénine. Mariam sentia que a moça era uma aluna brilhante, ambiciosa, rápida e decidida. Artista. Literária. Percebia essa determinação toda vez que ela pegava um livro, uma apostila, toda vez que fazia uma leitura diagonal das anotações que Marc penava durante horas para reler.

Irmãos, portanto, apesar da diferença social?

Só que Marc estava apaixonado por Émilie!

Isso também era óbvio.

E não era como irmão, mas sim como um namorado fascinado. Para Mariam, era algo evidente em cada olhar do rapaz. Seus olhos tinham uma febre, uma paixão inconfundíveis.

Ela não estava entendendo mais nada.

Fazia um mês que espionava o casal; ninguém mudava a própria índole. Tinha dado uma espiada furtiva nos nomes escritos em uma pasta e em uma prova velha disposta sobre a mesa. E sabia o sobrenome deles.

Marc Vitral.

Émilie Vitral.

No fim das contas, isso em nada lhe ajudava. A hipótese mais lógica era que fossem irmãos... Mas então o que significavam aqueles gestos incestuosos? A mão de Marc na base das costas de Émilie? Talvez fossem simplesmente casados. Aos 18, 20 anos? Incomum para dois universitários, mas possível. Restava a chance de ser uma homonímia, mas Mariam não acreditava nesse tipo de coincidência, a menos que se tratasse de um parentesco mais afastado: primos, filhos de casamentos distintos, uma família recomposta, complicada...

As cadeiras se sucediam sob o pano furioso de Mariam e batiam no piso de cerâmica do bar.

Émilie parecia gostar muito de Marc. No entanto, seu olhar era mais complexo, mais difícil de interpretar e muitas vezes se perdia, sobretudo quando a moça estava sozinha, como para disfarçar uma ferida, uma tris-

teza profunda... Essa melancolia dava a Émilie um charme remoto, uma distância em relação ao mundo que a diferenciava das outras meninas bonitas e sem nada na cabeça do campus. Nenhum estudante universitário frequentador do Lénine tinha o menor pudor de devorar com os olhos a bela Émilie, mas, decerto por causa daquela distância, daquela introspecção, nenhum galanteador ousara abordá-la.

Exceto Marc!

Émilie lhe pertencia, ele estava ali para isso. Não por causa dos estudos. Não por causa da faculdade. Apenas para estar com ela, para protegê-la.

Um guarda-costas.

Essa parte Mariam tinha entendido.

Mas e o resto? E o laço que os unia? Muitas vezes havia tentado conversar com Émilie e Marc sobre vários assuntos, mas não conseguira descobrir nada íntimo.

Paciência; por enquanto, iria desistir. Um dia acabaria sabendo.

Estava limpando as últimas mesas quando Marc levantou a mão.

– Mariam, pode trazer dois cafés? E um copo d'água para Émilie.

Mariam sorriu consigo mesma. Marc nunca tomava café quando estava sozinho, e sempre pedia um quando estava com Émilie. Um café longo.

– Claro, pombinhos – respondeu a dona do café.

Para testá-los.

Marc exibiu um sorriso encabulado. Émilie, não. Manteve a cabeça levemente abaixada. Só então Mariam reparou nesse detalhe: ela estava com uma cara horrível naquela manhã, o semblante deformado de alguém que não havia pregado o olho, ainda que ostentasse um sorriso de cortesia, pois sua elegância lhe permitia passar uma falsa impressão. Seria a angústia de uma prova, de uma noite em claro estudando, de um trabalho urgente a entregar?

Não, era outra coisa.

Mariam jogou o pó de café usado na lixeira, passou uma água no filtro e preparou dois *espressos*.

Alguma coisa grave.

Como se Émilie precisasse dar a Marc uma notícia triste. Mariam já tinha visto inúmeros encontros de despedida, inúmeras conversas íntimas

infelizes e rapazes corajosos que se viam sozinhos diante de seu café enquanto a moça ia embora um pouco constrangida, mas, acima de tudo, livre. Émilie estava com a cara de quem tinha passado a noite pensando e, de manhã cedo, finalmente tomara uma decisão e estava pronta para encarar as consequências que ela acarretava.

Levando sobre a bandeja os dois cafés e um copo d'água, Mariam caminhou a passos lentos até os fundos da loja.

Pobre Marc. Será que desconfiava já estar condenado?

Mariam também sabia ser discreta. Serviu os cafés e virou as costas sem escutar nada.

3

2 DE OUTUBRO DE 1998, 8H41

Marc Vitral aguardou alguns segundos até Mariam se afastar. Curvou-se em direção à mochila Eastpack largada no chão junto à cadeira e tirou um pequeno cubo de alguns centímetros envolto em papel prateado.

– Parabéns, Émilie – falou com uma voz bem-humorada.

Ele estendeu o embrulho.

Émilie revirou os olhos com uma raiva fingida.

– Marc! – ralhou ela. – É a terceira vez em uma semana que você me dá parabéns. Você sabe muito bem que não preciso de nada disso...

– Shh... Abra.

Ela franziu o cenho e desembulhou o presente. Era uma joia de prata, uma cruz de formato complexo com um pequeno losango em cada extremidade, menos na de cima, perfurada com um grande círculo e encimada por uma coroa. Émilie segurou o pingente com as duas mãos.

– Marc, você é doido...

– É uma cruz tuaregue. Parece que existem 21 tipos diferentes. Um formato original para cada cidade do Saara. Essa é a de Agadez. Gostou?

– Claro que gostei. Mas...

– Dizem que os losangos representam os quatro pontos cardeais. Quem dá de presente uma cruz tuaregue, dá de presente o mundo inteiro.

– Eu conheço a lenda... – murmurou ela com uma voz branda. – “Vou lhe dar os quatro cantos do mundo porque não posso saber onde você vai morrer.”

Marc não conseguiu conter um sorriso encabulado. É claro que Lylie já sabia tudo sobre as cruzeiras tuaregues, assim como sobre todo o resto. Eles passaram alguns instantes em silêncio. Émilie esticou a mão para a xícara de café. Por instinto, ele fez o mesmo. Seus dedos deslizaram, torcendo para encostar nos dela. De repente, sua mão se imobilizou sobre a mesa como se estivesse pregada no tampo. Lylie estava usando um anel no dedo anular! Um anel de ouro muito trabalhado, cravejado com uma safira clara; uma linda joia antiga que devia valer uma fortuna. Era a primeira vez que ele o

via. Seu olhar se turvou por vários segundos com aquela névoa de ciúme que o dominava sempre que algum detalhe fora de sua compreensão criava uma distância entre Lylie e ele.

– Esse... esse anel... – ele conseguiu gaguejar. – É seu?

– Não... roubei hoje de manhã na Place Vendôme!

Ele não prestou atenção. Sua pálpebra estremeceu de leve. Mesmo que a cruz tuaregue de prata que ele acabara de lhe dar tivesse custado um fim de semana e três noites trabalhando no atendimento telefônico da France Telecom, seu emprego de estudante, comparada àquele anel parecia uma bijuteria vagabunda. Além do mais, Lylie já tinha recolocado o pingente africano dentro do saquinho de lona. Ao passo que o anel de colecionador...

Ele se forçou a tomar um gole de café e balbuciou:

– Esse... esse seu anel. Foi um presente? De aniversário?

Émilie baixou os olhos devagar.

– De certa forma... É meio complicado. É lindo, não é?

Ela fez uma pausa como quem escolhe as palavras.

– Depois eu explico, mas não se preocupe, não por isso. Pelo menos não por causa deste anel...

Émilie pôs a mão por cima da de Marc.

“Não se preocupe, não por isso. Pelo menos não por causa deste anel...”

As palavras ecoaram dentro da cabeça do rapaz. O que ela queria dizer? Lylie estava com uma cara horrível naquela manhã, como se houvesse passado a noite em claro, mesmo que tentasse lhe sorrir enquanto diluía o café com um pouco d’água, como era o seu costume. De repente, como se tivesse tomado uma decisão importante, seu olhar se iluminou, ela sorveu algumas gotas da bebida e se curvou, por sua vez, acima da bolsa de faculdade. Sacou um caderno de capa verde-clara e o fez deslizar na direção de Marc.

– Agora é a minha vez. Toma, para você, Marc!

Uma preocupação muda tornou a dominar o rapaz.

– O que é isso?

– O caderno de Grand-Duc – respondeu ela sem lhe dar tempo de respirar. – Ele me levou anteontem, no dia seguinte ao meu aniversário. Enfim, na verdade pôs na minha caixa de correio ou mandou alguém pôr; encontrei-o lá de manhã.

Marc tocou o caderno com a ponta dos dedos, precavido. Sua pálpebra estava tremendo outra vez.

Aquele caderno. As anotações de Grand-Duc... Agora ele entendia. Émilie tinha passado os dois dias e as duas noites anteriores lendo e relendo-o. Dezoito anos da investigação daquele velho detetive particular maluco. Uma vida inteira. A vida de Émilie. Exatamente o tempo de sua vida.

Que porra de presente de aniversário!

Marc vasculhou o olhar de Émilie à procura de indícios. O que ela teria descoberto naquele caderno? Que verdade? Uma nova identidade? Sere-nidade, enfim? Ou nada? Apenas perguntas sem resposta...

Ela não deixou transparecer nada. Era muito boa nisso. Despejou lentamente um pouco de água no café, um ritual, e pôs-se a sorvê-lo em pequenos goles.

– Ele enfim me deu o caderno, Marc. Entendeu? Como vivia prometendo. A verdade, para comemorar minha entrada no mundo adulto.

Ela soltou uma gargalhada mais nervosa do que espontânea. Marc hesitava em pegar o caderno.

– E...? – conseguiu balbuciar. – Ele diz alguma coisa nesse caderno? Alguma coisa importante? Você agora... sabe?

Émilie se esquivou novamente e virou os olhos para o vidro e a esplanada de Paris VIII atravessada por ondas espaçadas de estudantes.

– Sei o quê?

Marc sentiu uma irritação crescer dentro de si. As palavras tornaram a martelar dentro de sua cabeça, mas não saíram: “Para que essa porra de detetive particular foi pago durante todos esses anos! Quem você é, Lylie. Quem você é!”

Distraída, ela alisava com a mão esquerda o anel. Um misto de cansaço e frieza parecia torná-la indiferente à irritação crescente de Marc.

– É a sua vez, Marc. Sua vez de ler esse caderno.

A cabeça de Marc era uma confusão só, e ele nem sequer tinha forças para pensar no estranho anel que Émilie estava usando. Quem teria lhe dado aquela joia? Quando? Por quê? Pegou-se puxando o caderno para si e ouviu a própria voz dizer:

– Está bem, minha libélula... Vou ler a porra do caderno. – Após um breve silêncio, ele tornou a falar: – Mas e você, tudo bem?

– Tudo... Não se preocupe. Está tudo bem.

Émilie molhou os lábios no café e tomou um gole minúsculo, como se estivesse se forçando a beber.

Não! Não estava tudo bem.

Ela escondia alguma coisa. Algo que Grand-Duc tinha descoberto e anotado no caderno.

Sua identidade?

– Grand-Duc deixou algum recado com o caderno?

– Não, nada, mas está tudo escrito aí dentro...

– E aí?

– Você vai ler. É melhor ler você mesmo.

– E Grand-Duc, onde ele está agora?

A expressão de Émilie se obscureceu como se ela soubesse alguma informação terrível que não quisesse revelar. Olhou ostensivamente para o relógio de pulso. Marc se sobressaltou.

– Você tem que ir? Já?

– É... Não tenho aula hoje de manhã. Mas você, sim! Às dez. Direito constitucional europeu. Grupo de estudo com o jovem e arrebatador professor Grandin! Tenho que ir, Marc.

Ele nem sequer disfarçou a cara feia.

– Aonde você vai?

Émilie despejou uma derradeira gota d'água no café, bebeu lentamente o que restava na xícara e tornou a olhar para Marc com uma expressão cansada. Curvou-se em direção à bolsa e se levantou quase na mesma hora.

– Trouxe... trouxe outro presente para você.

Émilie lhe estendeu um pequeno embrulho um pouco maior do que uma caixa de fósforos.

Marc gelou.

Sentiu-se invadido por um sinistro pressentimento. Tudo na atitude de Émilie parecia falso. Seu ar bem-humorado, os gestos forçados para transmitir naturalidade.

– Mas não é para abrir agora – disse ela depressa. – Só depois que eu for embora. Uma hora depois! Promete? Posso confiar em você? É feito um esconde-esconde: você precisa dar tempo para eu me esconder, precisa fechar os olhos e contar até, sei lá, mil...

Ela pareceu ter posto toda a energia que lhe restava naquela tentativa de disfarçar sua recomendação em uma fútil brincadeira de amor. Só que Marc não se deixou enganar.

– Promete? – insistiu.

Ele aquiesceu, resignado. Os dois se encararam demoradamente. Émilie foi a primeira a piscar.

– Não, você não vai esperar. Você é um cabeça-dura, Marc, eu o conheço, vai abrir o presente assim que eu virar as costas...

Ele não a desmentiu. Émilie ergueu uma das mãos em um gesto gracioso. Aquele maldito anel.

– Mariam?

Como se estivesse de olho em cada um de seus gestos, a dona do bar demorou apenas uma fração de segundo para reagir, e logo apareceu diante da mesa.

– Mariam, tenho uma missão para você. Vou lhe deixar este embrulho para você entregar ao Marc daqui a uma hora, não antes disso. Mesmo que ele implore, pague ou chantageie... Aliás, daqui a uma hora, aproveite e o mande para a aula, sala B318, sem falta!

A mulher se viu com o pacotinho nas mãos.

– Confio em você, Mariam.

Ela não teve escolha. Émilie se levantou com um movimento ágil, guardou o embrulho com a cruz tuaregue na bolsa e deu um beijo casto no rosto de Marc. Meio na bochecha, meio no canto da boca. Um beijo ambíguo, como para provocar Mariam...

Então, empurrou a porta do Lénine, saiu para a esplanada feito um fantasma e foi tragada pela multidão de estudantes.

A porta se fechou.

Mariam apertou o embrulho na palma da mão. Faria o que Émilie lhe pedira, claro, mas não gostava daquele joguinho. Tinha experiência em matéria de casais que terminavam; nessas horas as mulheres tinham uma determinação e uma imaginação impressionantes.

Émilie era uma dessas mulheres.

Aquele teatro todo lhe cheirava a mentira. Émilie estava fugindo o mais depressa possível, e o embrulho em sua mão era uma bomba-relógio. Marc jamais deveria tê-la deixado ir embora daquele jeito. Aquele rapaz era ingênuo demais, confiante demais... Mariam ainda não havia concluído se a moça era sua irmã, mulher, namorada ou amiga, não conseguia entender o vínculo que os unia, mas estava certa de que Émilie tinha um único objetivo em mente.

Romper esse vínculo.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br